

“Cor de burro quando foge” e “Até aí morreu o Neves” – nota sobre duas fraudes em origens de expressões populares

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo busca – por meio de amostra com duas expressões populares brasileiras – mostrar, discutir e corrigir a falta de rigor e critérios científicos de pesquisa, que frequentemente ocorrem em estudos sobre origem de expressões e fraseologia.

Palavras Chave: expressões idiomáticas brasileiras. falsas etimologias. rigor científico x fraudes.

Abstract: This article intends - analyzing two cases – to show, discuss and correct the lack of scientific rigor that often occur in studies on origins of popular sayings and in the field of phraseology.

Keywords: Brazilian popular sayings. false etymology. scientific rigor x fraud.

Nota prévia: Para a elaboração deste artigo, contamos com uma preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira.

“Corro de burro quando foge” e a famosa lista de “correções” a provérbios

Sendo esta revista coprotagonizada por jovens autores, estudantes do Ensino Médio em iniciação científica, pareceu-me oportuno lembrar alguns critérios da pesquisa científica e de seu rigor e alertá-los – em tempos de *fake news* – contra fraudes, frequentes no campo da fraseologia, por meio da análise de dois casos.

“Cor de burro quando foge”

Muitos iluminados fraseologistas – amadores, descuidados ou simplesmente picaretas – já dão por certo que a antiga expressão “cor de burro quando foge”, para se referir a cor indefinida (ou a discussões bizantinas), não tem cabimento e que ela seria simplesmente uma corruptela de uma outra, esta sim, plena de sentido: “corro de burro quando foge”.

Assim, lemos em um blog do Estadão [21-10-2009]:

Por que, afinal, dizemos que um objeto exhibe a estranhíssima “cor de burro quando foge”? Alguém já viu um burro mudar de cor assim que sai em disparada? Cunha Mello explica que a expressão é uma corruptela e deriva, na verdade, de uma afirmação nada absurda: “corro de burro quando foge”.

<https://cultura.estadao.com.br/blogs/ricardo-lombardi/corro-de-burro-quando-foge/> (acesso em 22-6-2022)

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona. jeanlaua@usp.br.

Já a coluna “Oráculo”, da revista “Super Interessante”, responde a uma consulente:

Parece que o burro fugiu por um desses dois motivos a seguir: a primeira hipótese é de que a expressão viria de “corro de burro quando foge”, que teria, com o tempo, sido modificada no boca a boca. A segunda considera a palavra *burrus*, que em latim significa avermelhado. A expressão original significaria algo como “correr para evitar alguém vermelho” – com raiva ou bêbado, por exemplo.
<https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/de-onde-veio-a-expressao-cor-de-burro-quando-foge/> (acesso em 22-6-2022)

E Mário Sérgio Cortella pontificou no “Domingão do Faustão” de 22-08-2010:

A frase certa mesmo, na origem [?] é “corro de burro quando foge”. Corro, ou seja, burro que foge é perigoso, aí eu corro de burro quando foge. Não pode ser “cor de burro quando foge”? É uma frase meio solta e a gente vai incorporando no dia a dia e a gente acaba dizendo isso, mas a frase certa é: “corro de burro quando foge”.
<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> (acesso em 22-6-2022)

Contra essas “certezas” e em defesa da expressão original, quero considerar primeiramente, que a expressão (sempre com “cor”) tem já seus 200 anos – a primeira ocorrência na BN dá-se em 1823 (“Correio do Rio de Janeiro”, 29-9-1823) e a tal da expressão com “corro” só surge na BN em 1963!

Para dar aparência de credibilidade à sua versão, os fraseologistas inovadores repetem – sem o mínimo de decoro científico – que “corro de burro...” teria sido registrada “no começo do século XX pelo gramático Antônio de Castro Lopes” mas nenhuma das 115 páginas de internet que afirmam isso (em busca feita no Google em 20-06-2022) nos informa o texto exato, nem sequer o nome do livro em que teria aparecido tal afirmação!

Em segundo lugar, penso que a confusão na mente desses “iluminados” (como vimos nas citações acima) é pensar que se deve considerar o “quando” (em “quando foge”) como indicador de tempo: o burro que, em sua fuga, sai correndo em disparada. Mas o “quando” tem outras funções, como a de estabelecer uma condição, por exemplo: “A solidão é pior, quando é a dois” (se for vivenciada a dois). Assim, parece-me que o “burro quando foge” indica simplesmente a condição de “burro fugido” (cor de burro, se fugido). Aliás, na BN, no século XIX, encontramos a formulação variante: “cor de burro fugido” – por exemplo em: “Revista Commercial” (Santos, 22-09-1864) ou “Revista da Sociedade Phenix Litteraria” (RJ, julho 1878).

Como fica então o sentido da expressão “cor de burro quando foge”, entendida como “burro fugido”?

Para minha tese de livre-docência, defendida na FEUSP em 1995 (e publicada em livro: **Provérbios e Educação Moral**. São Paulo: Hottopos, 1997), pesquisei milhares de provérbios da milenar tradição árabe. Um dos mais agudos, vem ao encontro de nosso tema: “Se te perguntarem: ‘Viste um asno cinza?’, responde: ‘Nem cinza, nem preto, nem branco. Não vi asno nenhum!’”

Esse provérbio recomenda prudência: para o garoto que, na escola, vai de sala em sala, perguntando se alguém viu a bolinha que ele perdeu no recreio, qualquer pelota com que ele se depare corre o risco de ser reconhecida por ele como a sua...

Se roubam seu carro, você informa à polícia a placa, o modelo e a cor; se você está aflito buscando seu burro desaparecido, a única informação é sobre a cor do animal... Mas, qual é **exatamente** a cor do burro fugido? Se eu responder que não vi um burro cinza, mas sim um pardo ou meio marrom, você pode reivindicar esse burro – qualquer que ele seja – como sendo o seu: afinal não há como definir a cor (menos ainda numa época na qual nem fotografia havia) entre os cinquenta tons de cinza e cores adjacentes! Era impossível definir a cor do burro fugido... Daí o provérbio árabe aconselhar uma negativa categórica e sem margem alguma para discussão.

A infeliz “correção” de nossa expressão para “corro de burro...” é mencionada pela primeira vez na BN, no “Jornal do Brasil” (06-05-1963), quando seu autor, um tal Dr. Luís Moreira (?), pede ao JB a divulgação de sua descoberta.

E o “Jornal do Commercio” (20-08-2006) publica – pela primeira vez na BN – a tristemente famosa lista dos originais “de provérbios vítimas de deturpação”, elaborada “pela pesquisadora” Regina Ivete Lopes. São eles: “Batatinha quando nasce espalha rama pelo chão”, “Corro de burro quando fuge”, “Quem tem boca vaia Roma”, “esculpido em Carrara” e “Quem não tem cão caça como gato”.

Para os interessados na crítica dessas e de outras falsas formulações de expressões, indico meu artigo: “Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras...”, em: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>

A ignorância é atrevida e dura de matar... O que mais causa espanto é que até acadêmicos continuem ajudando a propalar essas *fake news*!

Até aí morreu o Neves

O caso da falsa origem desta expressão é incrível, mesmo em tempos de abundância de *fake news*. Uma versão *fake*, que se repete como se fosse verdadeira, foi tomada do, **intencionalmente debochado**, livro “Mas será o Benedito?” de Mário Prata, que, no Prólogo, informa o leitor que suas “explicações” são intencionalmente invencionices fantasiosas e **não** verdadeiras. Eis a advertência de Prata em seu livro:

Explicação mais do que necessária

[...] resolvi escrever este livro, dando as minhas “versões”. Apenas seis são reais e explicadas por Câmara Cascudo. Nestas, dou a fonte. Você vai encontrar aqui a origem de 419 provérbios, expressões ou ditos populares brasileiros [...] **Invenção pura. Não leve a sério.** [grifo nosso] Mas divirta-se!
(<https://marioprata.net/literatura-2/livros-adultos/mas-sera-o-benedito/explicacao-mais-do-que-necessaria/>. Acesso em 22-06-22)

Mesmo com esse claro aviso, estudiosos, como o já citado Cortella e também o famoso etimologista Deonísio da Silva, repetem a lenda pratiana do Neves com absoluta seriedade, como se proviesse de fonte científica.

Deonísio da Silva, em seu programa radiofônico “Sem papas na língua” de 07-05-2015 (em <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>, 6:55 m e ss. Acesso em 22-06-22) ecoa a delirante historieta de Mário Prata:

O Neves era um assessor do Padre Feijó (...) e ele foi assassinado, quando, a mando do Pe. Feijó, que era regente do Império, foi

apaziguar um conflito. E isso provocou um grande auê aqui no Rio, quando conversavam, mas a conversa foi ficando tão repetitiva que quando alguém contava uma coisa o outro dizia: “ – Tá, tá eu sei, morreu o Neves” e virou uma expressão: ““Até aí morreu o Neves’, agora conta outra”.

Para um pesquisador cuidadoso, bastaria uma consulta à BN, para verificar que a expressão “morreu o Neves” é muito antiga e **anterior** à Regência de Feijó e a seu inexistente assessor Neves. Feijó foi empossado em 12-10-1835, mas três anos antes, em 9-8-1832, em “O Olindense”, um leitor se queixa em uma carta que não quer lições sobre o que já conhece, pois até aí “morreo o Neves”...

Uma conjectura: quem é, afinal, o Neves de “até aí morreu o Neves”?

Diante de tantas repetições da absurda versão acima, atrevo-me a lançar aqui uma conjectura, que não pude (e talvez não possa nunca) comprovar. Seja como for, é muito mais plausível do que as fantasias que circulam neste momento.

Neves não seria ninguém em concreto, mas simplesmente um elemento de rima, tão frequente e apreciado nos provérbios e locuções, como nos clássicos exemplos: “Mateus, primeiro os teus!”, “Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel”, “em casa de Gonçalo, canta a galinha e não o galo” ou “Põe na conta do Abreu; se ele não pagar, nem eu” .

E o nosso Neves? Pode ter sido um complemento jocoso a uma das mais frequentes citações latinas (especialmente em cerimônias de formatura e, mais ainda, do curso de Medicina). O povo adora esculhambar com os eruditismos e os “latinórios” (por exemplo, do juridiquês do STF). Quem, da minha geração não lembra da genial publicidade, criada por Ary Barroso, do fixador Gumex: “*Dura lex sed lex*, no cabelo só Gumex” (em 1967, Oduvaldo Vianna Filho, usou-a como título de uma de suas peças). E, no tempo em que o latim ainda era a língua corrente da liturgia da Igreja, a brincadeira era com o célebre versículo do Salmo 50 (51), o *Miserere*: “*Cor contritum, et humiliatum, Deus, non despicias* [pronunciado: “despiches”]” (Deus não despreza um coração contrito e humilhado). Na “tradução” brasileira: “Couro curtido e molhado, nem Deus espicha”.

A citação latina que pode ter convocado o complemento de nosso Neves é: “*Ars longa, vita brevis*”. É a forma como Sêneca popularizou, em latim, a sentença grega de Hipócrates, o “pai da Medicina”. “A arte é longa e a vida é breve”. (“arte”, aqui, não no sentido de “belas artes”, mas de técnica, conhecimento, como se se dissesse: “há muito o que aprender na medicina, mas a vida é tão curta...”)

Repetida à exaustão, a frase (tão óbvia) pode se prestar a um complemento jocoso rimado: “*Ars longa, vita brevis*, até aí morreu o Neves” (até porque o conhecimento médico, tão extenso para a curta vida dos estudiosos, não chegou ainda a saber curar tantas doenças...: pobre do paciente Neves!). E a locução poderia acabar também (como em outros casos) dispensando a primeira parte e ficando somente com “até aí morreu o Neves”. Uma conjectura...

Para uma análise mais completa do “morreu o Neves”, ver meu artigo: “Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras...”, em: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>

Recebido para publicação em 25-06-22; aceito em 20-07-22